

Educador Social: trabalhador docente?

MARCELINO MARQUES¹

RESUMO

O texto é parte inicial da pesquisa de doutorado que apresenta o problema *Educador Social: trabalhador docente?* A pesquisa está em andamento no Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais, pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP). Aborda a inserção do Educador Social nas escolas a partir da reforma educacional dos anos 90. Visa apontar desdobramentos na educação popular e na profissionalização do Educador Social enquanto trabalhador docente. Analisa a percepção que os Educadores Sociais que trabalham em escolas tem de sua profissão.

PALAVRAS-CHAVE: Educador Social, Trabalhador Docente, Programas Educacionais.

ABSTRACT

The original text is part of doctoral research that has the problem Social Educator: teacher employed? The search is in progress in the Programme of Postgraduate Studies in Social Sciences, the Pontifical Catholic University of São Paulo (PUC / SP). Discusses the integration of the social educator in schools from the education reform of 90 years. Aims to point out developments in popular education and the professionalization of social work as an educator teaching. Examines the perception that the Social Educators who work in schools has to their profession.

KEYWORDS: Educator Social, Labor Professor, Educational Programs.

INTRODUÇÃO

O Educador Social é um trabalhador docente? Inicialmente, podemos dizer que o Educador Social não seria um trabalhador docente já que a profissão docente historicamente está vinculada a escolarização e certificação. O papel do Educador Social estaria mais vinculado ao social do que ao educacional, ou seja, a preocupação parece que tem sido com a questão social. A atuação do Educador Social nas escolas não significa que esse trabalhador é um professor. Porém, é comum os alunos chamarem o Educador Social de professor. E alguns Educadores Sociais se percebem como professores, tem um sentimento de pertencimento à docência. Apesar de fazer parte do processo de ensino e aprendizagem, o Educador Social teria a preocupação maior com o social, com a relação escola e comunidade. Seu foco parece ser o social e não necessariamente o educacional.

Esta proposta de pesquisa tem a preocupação em aproximar as ciências sociais da educação. Historicamente, as ciências sociais tem contribuído para pensar a educação, principalmente por meio da educação popular. Pretende discutir o trabalho do Educador Social frente ao processo de regulamentação da profissão².

² No dia 14.12.2011, o Congresso Nacional Brasileiro aprovou parecer favorável ao Projeto de Lei 5346-2009, para regulamentação da Educação Social como profissão.

¹ Graduado em Ciências Sociais e Mestre em Educação pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Doutorando do Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP). E-mail: marcelcso@yahoo.com.br

O presente estudo foca a inserção do Educador Social na escola por meio de programas desenvolvidos em escolas públicas a partir das reformas educacionais dos anos 90. Parte-se da hipótese de que o papel do Educador Social é fundamental para aproximar a família da escola e promover uma educação social que possa contribuir para a educação escolar, possibilitando uma melhoria na qualidade da educação pública no Brasil. Objetiva-se também discorrer sobre a necessidade de uma educação que vá além da sala de aula possibilitando a apropriação de novos saberes, descobrindo novos territórios educativos e aproximando a escola da comunidade. Portanto, a finalidade é contribuir para o estudo da educação popular, social e comunitária. Busca suporte na pedagogia social enquanto uma teoria geral da educação social.

Ressalta-se que, sempre no sentido popular, aquilo que nos referimos hoje como educação de jovens e adultos, educação inclusiva, educação humanizadora é, na verdade, educação popular. Paulo Freire propôs uma pedagogia libertadora, valorizando o diálogo e os sujeitos. Um sujeito desfavorecido e oprimido historicamente e que necessita se emancipar. Por isso, falar em educação popular nos remete necessariamente a Paulo Freire, pois seu pensamento é sempre atual para se discutir a educação que é feita para aqueles que se encontram desfavorecidos historicamente.

A atuação do Educador Social é ampla. Para efeito de delimitação do espaço desta pesquisa, foi definido a *escola* como espaço privilegiado. Os Educadores Sociais atuam em diversos locais e com diferentes ações.

A pesquisa enfoca dois programas do MEC em parceria com Estados, Distrito Federal e Municípios: tratam-se dos *Programas Escola Aberta* e *Mais Educação*. No Programa Escola Aberta (PEA) os sujeitos da pesquisa são: *crianças, adolescentes e jovens* da comunidade que frequentam o programa, nos finais de semana, e os *oficineiros*, que geralmente são pessoas da própria comunidade que tem um talento e oferecem oficinas nas escolas, além de *Professores Comunitários* que são os gestores do programa e os *coordenadores* que são representantes da comunidade.

Já no Programa Mais Educação (PME) os sujeitos são: *alunos* que retornam no contra-turno³ da escola como forma de promoção da educação integral; *monitores*, que geralmente são estudantes universitários e *Professores Comunitários*, que são professores ou pedagogos que fazem a gestão do programa.

Os Professores Comunitários do PEA são Pedagogos ou Professores da escola regular que atuam nos finais de semana. Os Professores Comunitários do PME são Pedagogos ou Professores que são designados para a gestão do programa. Esses dois atores também podem ser considerados como Educadores Sociais. A visão de Educador Social como estagiário ou monitor não condiz totalmente com a realidade, apesar de ser a mais frequente nas escolas.

O território escolhido é a periferia da Grande Vitória, no Município de Vila Velha, na região conhecida como *Terra Vermelha*. Foram selecionadas sete escolas e seis Educadores Sociais de cada escola, totalizando 42 educadores. O período será de 2004 a 2014. O ano de 2004 foi quando surgiu o PEA e 2014 é o ano que está prevista a conclusão desta pesquisa.

A escolha do território para esta pesquisa se justifica pela experiência do Estado do Espírito Santo na formação de Educadores Sociais que atuam nas escolas. Em 2009 foram realizados dois cursos, sendo um em nível de pós-graduação em educação comunitária e outro de extensão universitária. Os cursos foram oferecidos pela Universidade Federal do Espírito Santo em parceria com o Estado e os Municípios da Grande Vitória. As prefeituras também tem feito concurso público e contratado Educadores Sociais para atuar em diferentes projetos e ações.

EDUCADORES SOCIAIS NA ESCOLA: PROGRAMA ESCOLA ABERTA

Todo projeto de sociedade passa pela educação, ou seja, não podemos pensar o social separado do educacional. E se pensarmos em mudança social a educação também se torna primordial. Como

³ Apesar de frequentemente utilizado nos discursos, o termo contra-turno não corresponde ao que realmente se faz necessário numa educação social e popular. O mais correto seria dizer que o aluno tem novas oportunidades de ampliação do espaço, tempo e oportunidades no território onde vive.

ferramenta de transformação social, a educação é um vetor de desenvolvimento e fortalecimento da democracia, possibilitando a redução da desigualdade social, cultural, econômica e política.

No entanto, a educação ainda precisa aproximar a comunidade da escola para se construir um projeto comum de sociedade. Unindo escola e comunidade torna-se mais fácil a execução do projeto de transformação social. Pensando assim é que surge o Programa Escola Aberta (PEA)⁴.

O Programa Escola Aberta: educação, cultura, esporte e trabalho para a juventude se propõe a promover a ressignificação da escola como espaço alternativo para o desenvolvimento de atividades de formação, cultura, esporte, lazer para os alunos da educação básica das escolas públicas e suas comunidades nos finais de semana (MEC, 2007, p. 4).

Dessa forma, o MEC pensou numa estratégia de abordagem metodológica que privilegie o conhecimento local, o saber não-formal e popular da cultura regional. O programa então se propõe a abrir os espaços das escolas públicas, nos finais de semana, para apropriação pelas comunidades locais.

Pensou-se, inicialmente, em abrir as escolas situadas em áreas urbanas com alto índice de risco e vulnerabilidade social. No entanto, não se trata de resolver a questão da pobreza e da violência.

Apesar de ser o lócus formal prioritário da práxis educativa, a escola não é o único. Assim entendendo, o Programa amplia as experiências de aprendizagem ao trazer para a instituição os saberes e talentos que fluem na vida das comunidades, permeando-os com uma intencionalidade que os situa no processo reflexivo sobre os fins educativos. Dessa forma, a instituição escolar desfaz os muros que a distanciam do cotidiano das pessoas que habitam o seu entorno e que, convidadas a entrar, dão vida ao seu silêncio por meio da alegria cultural e da criatividade. Além disso, a concepção de comunidade escolar se amplia para incluir outros atores: as famílias dos alunos e os moradores locais que,

ao estabelecerem vínculo com o cotidiano da instituição, são estimulados a participar de suas decisões e a colaborar para a qualidade das suas atividades. (MEC, 2007, p.9-10).

De forma implícita, o PEA faz uma denúncia a escola burocrática, organizada em currículos fechados com o aluno preso a lógica de conteúdos obrigatórios. O processo histórico de escolarização, apesar de importante, não atende às demandas sociais da atualidade. É preciso repensar o formato que temos de escola. No PEA existe uma flexibilidade dos saberes, promovendo uma interação maior, o que por si só já constitui um passo importante para se pensar novas formas de educar. Não se trata de promover a desescolarização da sociedade. Trata-se de buscar, além da escola regular, novas possibilidades de apropriação de saberes que a escola "fechada" não dá conta.

Pensando nessa aproximação entre escola e comunidade, o PEA se pauta em três grandes eixos estruturantes: *educação, cidadania e inclusão social*.

No *eixo educação* a proposta do MEC não é fazer uma crítica ao modelo de educação escolarizada. Porém, a proposta do programa admite que "*reduzir a educação à escolarização corresponde a ignorar que ela está presente nas expressões culturais e sociais dos grupos humanos*" (p.24). As oficinas oferecidas pelo programa são diversas e não estão presas a rigidez dos conteúdos escolares. Elas são flexíveis e dinâmicas. Podem durar um ano, como apenas um ou dois meses. Não se prende ao ano letivo.

No segundo eixo estruturante, *cidadania*, espera-se que a presença da comunidade nas escolas possa contribuir para a promoção da cidadania. A proposta pedagógica do programa se vale de uma afirmação sobre as oficinas de esportes que são muito mais do que trabalhar regras e técnicas visando o lazer. Para a proposta, o espaço destinado as atividades de esportes serve também para se discutir a postura ética, o senso de equipe e o respeito ao adversário.

O exercício de cidadania proposto pelo **Programa Escola Aberta** passa, então, pela democratização do espaço público que é a escola, pela relação de pertencimento que se

4 O Programa Escola Aberta foi criado pela RESOLUÇÃO/CD/FNDE/Nº 052, de 25 de outubro de 2004.

estabelece entre a comunidade e a instituição, estimulando a participação na escolha de novas oficinas, bem como pela ressignificação do espaço escolar que possibilita o encontro entre o saber formal e o informal e passa a abrigar diversas formas de expressão e de convivência (MEC, 2007, p. 29).

Por fim, o terceiro eixo estruturante, *inclusão social*, aponta que é a partir do princípio do respeito à diversidade que se afirma o conceito de inclusão social. Logo, pensando no princípio de que é possível nos educar pelo lazer e para o lazer, abrir os espaços das escolas, nos finais de semana, vai muito além de oferecer apenas um espaço para ocupar o tempo ocioso do jovem. Trata-se de um espaço para se discutir educação, cidadania e inclusão social.

Esse é um dos cenários de atuação do Educador Social na escola.

PROGRAMA MAIS EDUCAÇÃO

Criado pela Portaria Interministerial 17/2007 e pelo Decreto 7.083 de 27/01/2010, o Programa Mais Educação (PME) tem como principal objetivo a melhoria da educação básica no Brasil. Constitui uma estratégia de implementação da educação em tempo integral. Prevê para a próxima década da educação 2011/2020 pelo PNE o atendimento de 50% dos alunos das escolas públicas do Brasil em tempo integral. De acordo com a legislação vigente, é considerada educação em tempo integral o aluno que frequentar, no mínimo, 7h. de aulas/atividades dentro do espaço escolar ou fora.

Em 2007 foi criado o Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE)⁵ com o objetivo principal de conjugação de esforços para melhorar a qualidade da educação básica no Brasil. Desde 2007 que vem se discutindo de forma mais sistemática a educação em tempo integral no Brasil. A grande preocupação do MEC e de especialistas da área é como alargar os tempos e espaços de aprendizagem de crianças, adolescentes

5 O PDE está incluído nas políticas do PAC. Além do MEC, outros Ministérios entram em ação: Desenvolvimento Social (Programa Bolsa Família), Saúde (Programa Saúde na Escola, Programa Olhar Brasil, Programa Saúde da família), Transportes (Programa Caminhos da Escola), Minas e Energia (Programa Luz para Todos), Cultura (Pontos de Cultura), Esporte (Programa Segundo Tempo).

e jovens, por meio de atividades socioeducativas oferecidas em ampliação de jornada escolar, levando em consideração potencial educativo dos diferentes territórios.

“ Como ferramenta de transformação social, a educação é um vetor de desenvolvimento e fortalecimento da democracia, possibilitando a redução da desigualdade social, cultural, econômica e política. ”

Espera-se que o PME seja capaz de ampliar tempos, espaços e oportunidades de aprendizagem para milhões de crianças, adolescentes e jovens, que passam a se envolver com atividades educativas, artísticas, culturais, esportivas e de lazer. Acredita-se que possa reduzir a evasão escolar, reprovação e distorção idade-série⁶.

O PME retoma o ideal de Educação Integral proposto pelos pioneiros da Educação Nova nos anos 30. Já em 1932 esses pioneiros destacavam em seu manifesto uma educação que “*desse às crianças um programa completo de leitura, aritmética e escrita, ciências físicas e sociais, artes industriais, desenho, música, dança, educação física, saúde e alimentação*”. Nos anos 50, Anísio Teixeira propõe essas práticas em Salvador, que o educador denominou de Escola-Parque.

Portanto, a atuação do Educador Social durante a semana, na escola ou comunidade, com alunos regulares, e nos finais de semana, na escola, com a comunidade, constitui o local de atuação.

Nestas propostas percebemos que as intenções são boas, porém na prática aproximar a comunidade

6 A legislação atual acabou com a nomenclatura série. O ensino fundamental possui 9 anos. E o ensino médio no mínimo 3 anos.

da escola e a escola da comunidade constitui um desafio constante. O Educador Social tem sido um desses protagonistas, procurando em seu trabalho tentar contribuir.

O SOCIAL NA EDUCAÇÃO

Abordar o social e a educação popular parecem temas tão comuns que uma abordagem acadêmica fundamentada não teria tão importância nesse momento de valorização da renda e do capitalismo, *"afinal, o social é tido como algo consensual e validado por todos, o que independeria das orientações teóricas e posições político-ideológicas de quem se apresenta"* (WANDERLEY, 2010, p. 168).

A globalização tem provocado grandes transformações no mundo do trabalho. Nesse cenário, a questão social ressurge como fator preponderante na distribuição de riquezas devido ao aumento da desigualdade social e da injustiça. Se não tem como mudar os rumos da globalização, que pelo menos o processo seja menos excludente. Neste contexto, o Educador Social pode contribuir como agente de intervenção no enfrentamento da desigualdade social, mesmo seu trabalho aparecendo dentro da lógica de precarização das relações de trabalho.

A política neoliberal dos anos 90, com raras exceções, tem provocado mais complicações para a questão social do que soluções. A desigualdade, exclusão, desemprego estrutural e pobreza aumentaram a partir dos anos 90 na América Latina com a passagem do fordismo para a acumulação flexível do capital. Nesse contexto, as abordagens sobre o social ganham novos impulsos. Noções de justiça e igualdade aparecem coesas ao social.

Quando esta realidade se torna evidente para parcelas significativas de uma população, mesmo minoritárias, é tornada pública de algum modo, e se buscam medidas para equacioná-las gerando conflitos, convergências e divergências, elas se transformam numa questão social (WANDERLEY, 2010, p. 175).

Noções de pobreza e desigualdade social continuam na agenda das interpretações de crise sobre o social.

Se entendermos, então, a pobreza como um processo de empobrecimento histórico e social, dados por determinantes econômicos, políticos e culturais, e os pobres como aqueles destituídos de poder, trabalho e informação, além dos indicadores clássicos de renda, programas e planos de redução adotados por governos de distintas extrações político-ideológicas podem minorar a situação dos que nela estão envolvidos mas não superá-la na atual formação econômica social capitalista (WANDERLEY, 2010, p. 190).

O social tem sido motivo central nas análises de diversos autores. Por isso, o social chama atenção de governos e teóricos. Com a valorização do social, ganha forças também o educacional como parte integrante do social⁷. Para Wanderley (2010), o social se vincula umbilicalmente ao público.

Neste contexto de (re) valorização do social ganha novos destaques a educação popular. Falar de educação popular nos remete necessariamente a Paulo Freire. Seu referencial teórico-metodológico é fundamental. Fazer educação popular é ousar o desafio de defender os oprimidos. Paulo Freire estava preocupado não só com a educação popular mas também com um sistema de educação que, ao invés de educar, oprimia o educando. Assim, o referencial de Paulo Freire constitui uma potencialidade que deve ser atualizada constantemente nos dias de hoje.

A educação popular pode acontecer em diferentes espaços-tempos. Pode ser tanto nas escolas, como também em espaços da comunidade. Nesse ambiente é preciso um trabalho de educador que tenha uma visão não só da educação como também do social. Por isso, o Educador Social tem o papel preponderante de articular educação e social concomitantemente.

Para minimizar a desigualdade sócioeducacional os governos tem, ao longo dos anos, promovido

⁷ Muitos autores utilizam o termo "campo educacional" se referindo a Bourdieu para separar o educacional do social, justificando que o educacional tem seu "campo" distinto e específico. Neste texto utilizarei o termo educacional como parte coesa e integrante do social.

“ A educação popular pode acontecer em diferentes espaços-tempos. Pode ser tanto nas escolas, como também em espaços da comunidade. Nesse ambiente é preciso um trabalho de educador que tenha uma visão não só da educação como também do social. ”

programas educacionais e sociais. São comumente denunciados de práticas financiadas a serviço do capital e dos interesses das classes dominantes⁸.

Sempre no sentido popular, aquilo que nos referimos hoje como educação de jovens e adultos, educação inclusiva, educação humanizadora é, na verdade, educação popular.

Para Pacheco Junior e Torres (2009)

A proposta concreta de Educação Popular elaborada por Paulo Freire decorre da conjuntura política dos anos sessenta na América Latina, a qual, sob o populismo, forjou, em nome do desenvolvimento, uma especificidade de procedimentos educacionais que condicionaram a sociedade em geral, e os trabalhadores em particular, à manutenção de sua lógica e tutela – desenvolvimento nacional e legitimação da estrutura de poder por uma forte base social (p. 24).

Nos anos 1990 uma nova abordagem surge: a *Pedagogia Social*. Refletir sobre a atuação dos Educadores Sociais pode ser uma significativa

8 Não tenho a pretensão de discutir, politicamente, se os programas de governos são, necessariamente, eleitoreiros e/ou visando apenas aos interesses das classes dominantes. Apesar dessa interpretação ter sua fundamentação, o objetivo aqui é discutir o trabalho desenvolvidos por Educadores Sociais nesses programas.

contribuição para se teorizar a educação social no Brasil. Pode ser uma contribuição também no sentido de se buscar a regulamentação da profissão, de superar a precariedade das condições de trabalho. Alguns autores que debatem a Pedagogia Social no plano internacional são significativos e que apontamos aqui algumas de suas contribuições.

Otto (2009), ao analisar as origens da Pedagogia Social, aponta que ela data de meados de 1900 tendo sido primeiramente discutida por educadores alemães como Karl Mager e Adolph Diesterweg. O mais significativo foi Paul Natorp. Diferentemente de outros países, na Alemanha a Pedagogia Social já vem se institucionalizando.

Loureiro e Casteleiro (2009) dividem as origens históricas da Pedagogia Social em quatro períodos: entre 1850-1920 quando a pedagogia de cunho sociológico é proposta por Paul Natorp; entre 1920-1933 quando surgem os problemas de ausência de proteção social devido a primeira Grande Guerra. Citam Nohl que entende a Pedagogia Social como parte da pedagogia geral; 1933-1949 quando as ideias de Hitler interfere politicamente na Educação; 1950 até o presente a pedagogia social passa a ter uma matriz mais crítica por meio de um modelo teórico e prático.

Para Otto (2009), ao relacionarmos a concepção de trabalho social com Pedagogia Social temos que ter cautela, pois a noção de trabalho social é bastante imprecisa devido aos inúmeros contextos que pode ser aplicado. Uma diferença é que o trabalho social foi construído teoricamente nas ciências sociais, enquanto a Pedagogia Social está enraizada nas ciências educacionais. Reivindica-se, no debate moderno, segundo Otto (2009), que estas duas tradições venham a se tornar uma, ou seja, a diferença entre trabalho social e Pedagogia Social deve desaparecer.

Fichtner (2009) destaca o debate existente entre trabalho social e Pedagogia Social na Alemanha. Afirma que a Pedagogia Social e o trabalho social são compreendidos como ajuda relacionada às pessoas, mas tanto na prática como na teoria não se limitam a isso.

Já Caliman (2009) nos trás a experiência da Itália. Ele aponta a perspectiva teórica e metodológica orientadas ao bem-estar social. Caliman (2009, p. 53)

define Pedagogia Social *"Como uma ciência prática, social e educativa, não-formal, que justifica e compreende em termos mais amplos, a tarefa da socialização, e, de modo particular, a prevenção e a recuperação no âmbito das deficiências da socialização e da falta de satisfação das necessidades fundamentais"*.

Caliman (2009) também concorda que existem espaços alternativos e privilegiados para a Pedagogia Social.

Uma dimensão privilegiada da Pedagogia Social é aquela dos espaços de transformação da Educação não intencional, ou não declaradamente intencional, em Educação intencional; de espaços deseducativos ou potencialmente educativos em espaços declaradamente educativos, através de intervenções direta no ambiente. Exemplo disso é a abertura das escolas como espaços de cultura, Educação e tempo livre nos finais de semana (p.59).

Camors (2009) discute a Pedagogia Social na América Latina. Traça uma trajetória histórica, cultural, econômica e política. Aponta a desigualdade existente na América Latina e a necessidade de se transformar essa realidade. A Pedagogia Social contribuiria para esse objetivo. Traz uma discussão necessária separando o papel do docente e do educador.

Por fim, tanto Silva, Souza Neto e Moura apontam a Alemanha e o Uruguai como parceiros para o desenvolvimento da Pedagogia Social no Brasil. Concordam também que a profissão do pedagogo social é distinta do Psicólogo ou Assistente Social.

EDUCADOR SOCIAL: TRABALHADOR DOCENTE?

Na base de dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) encontramos a seguinte definição para educação não-formal:

1. Atividades ou programas organizados fora do sistema regular de ensino, com objetivos educacionais bem definidos. 2. Qualquer atividade educacional organizada e estruturada que não corresponda exatamente à definição de "educação formal". 3. Processos de formação que acontecem fora do sistema

de ensino (das escolas às universidades). 5. Tipo de educação ministrada sem se ater a uma sequência gradual, não leva a graus nem títulos e se realiza fora do sistema de Educação Formal e em forma complementar. 6. Programa sistemático e planejado que ocorre durante um período contínuo e predeterminado de tempo. Notas: 1. A educação não-formal pode ocorrer dentro de instituições educacionais, ou fora delas, e pode atender a pessoas de todas as idades. 2. Dependendo dos contextos nacionais, pode compreender programas educacionais que ofereçam alfabetização de adultos, educação básica para crianças fora da escola, competências para a vida, competências para o trabalho e cultura em geral. 3. Os programas de educação não-formal não precisam necessariamente seguir o sistema de "escada", podem ter duração variável, e podem, ou não, conceder certificados da aprendizagem obtida. (cf. CINE 1997, UNESCO) 4. Por ser mais flexível, não segue necessariamente todas as normas e diretrizes estabelecidas pelo governo federal. É geralmente oferecida por instituições sociais governamentais e não-governamentais e resulta em formação para valores, para o trabalho e para a cidadania. (Fontes em educação. Comped, 2001)

É preciso fazer uma releitura quando nos referimos ao trabalho docente desenvolvido por Educadores Sociais. O Educador Social, enquanto trabalhador docente, está longe de ser reconhecido socialmente e não goza de *status* em sua profissão. São vistos como meros ajudantes que desempenham um trabalho docente secundário e periférico. Na verdade, a maioria não é vista como professor e nem como educador.

Por outro lado, o trabalho desempenhado pelos Educadores Sociais tem aumentado a cada dia e novas alternativas de profissionalização e capacitação tem surgido. Porém, falar em centralidade da docência na organização do trabalho como defende Tardif (2005) só é possível se pensarmos nesse momento de transição do fordismo⁹ para a acumulação flexível de capital¹⁰

9 Ligado ao pensamento de Henry Ford, o fordismo baseava-se numa produção em massa para um consumo em massa (1914-1973). Isso significou um controle e reprodução da força de trabalho, ou seja, uma nova política de controle e gerência do trabalho que incluía também uma nova estética e uma nova psicologia. Cf. HARVEY, D. (1998).

10 Acumulação flexível de capital aponta um novo modelo de organização do trabalho inaugurado nos anos 1970 com a crise do fordismo.

“ O Educador Social, enquanto trabalhador docente, está longe de ser reconhecido socialmente e não goza de status em sua profissão. São vistos como meros ajudantes que desempenham um trabalho docente secundário e periférico. Na verdade, a maioria não é vista como professor e nem como educador. ”

e mesmo assim fazendo várias ressalvas quando nos deparamos com a degradação e precariedade do trabalho tanto de docentes da educação básica como de Educadores Sociais.

Nesse contexto contata-se que a atuação de Educadores Sociais na escola pode contribuir para uma qualificação do trabalho docente desde que se veja o Educador Social como trabalhador docente que tem um papel definido e que seja protegido pela legislação no que se refere a regulamentação da profissão e também na forma de contratação.

Com a possibilidade recente de profissionalização do Educador Social isso pode vir a resolver parte da precariedade desse tipo de trabalho. O relatório do projeto de lei aponta que a profissão de Educador Social deva ter caráter pedagógico e social, relacionada à realização de ações afirmativas, mediadoras e formativas.

Partindo do princípio de que a educação não deva ficar restrita apenas a escolarização, o projeto de lei amplia o debate em torno da educação justificando a inserção de um novo profissional em diferentes contextos sociais e educacionais, articulando ensino, escola e sociedade e apontando novos espaços, tempos e territórios da educação.

Nesse contexto de transformações sociais e reconfiguração do trabalho pensa-se na profissão docente para além da profissão típica do processo de escolarização. Novos sujeitos são inseridos dentro e fora da escola visando o processo de ensino. Aparece, então, os Educadores Sociais como trabalhadores da educação e que podem contribuir para educar crianças, adolescentes e jovens que precisam de conhecimentos além da escolarização obrigatória. O mundo do trabalho atualmente requer profissionais que sejam capazes de desempenhar múltiplas funções. Por isso a escolarização básica, apesar de fundamental, não consegue atender a todas as exigências do mundo do trabalho.

Mesmo sendo inseridos de forma precária no sistema educacional, os Educadores Sociais que se dedicam ao ensino tem um importante papel a desempenhar, ou seja, tentar preencher uma lacuna que a escolarização não consegue. No entanto, para que o papel do Educador Social na escola seja de fato capaz de contribuir para as exigências colocadas pelas transformações do mundo do trabalho é preciso que esse Educador Social não faça mais do mesmo, ou seja, não de trata de inserir um Educador Social na escola para servir de apoio ao professor e de trabalhar com reforço escolar para os alunos que tem dificuldades de aprendizagem.

Como coloca Oliveira (2001) a década de 1990 representou um período impar no Brasil em termos de reformas no Estado. Com essas reformas, vários programas e projetos governamentais são inseridos nas escolas. Os professores foram chamados a assumir tais programas e projetos e muitos não deram conta. Na verdade, a própria escola não consegue dar conta de tantos programas e projetos. É nesse contexto que se busca apoio nos estagiários, monitores e agora Educadores Sociais. As reformas na educação também reconfiguram a profissão docente que deixa de ser exclusividade do professor que atua em sala de aula.

Neste contexto, a inserção do Educador Social na escola cumpre um papel preponderante para contribuir com as transformações colocadas, desde que se pense num Educador Social que tenha uma profissão regulamentada e que seja visto como um trabalhador docente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como a pesquisa está em andamento podemos tecer algumas considerações iniciais em relação aos resultados. Num primeiro momento observa-se que a atuação do Educador Social na escola é bem vinda pela escola e comunidade. No entanto, as condições de trabalho e contrato desses profissionais ainda continuam de forma precária. Geralmente são voluntários ou estagiários. Os Professores ou Pedagogos da escola que estão na gestão dos programas ainda tem dificuldades em se perceberem enquanto Educadores Sociais. Possuem a visão que são coordenadores semelhante aos coordenadores de turno do ensino regular.

Com a regulamentação da profissão espera-se que o papel do Educador Social na escola possa contribuir de forma mais adequada e que de fato a Educação Social seja parte integrante do processo de educação de crianças, adolescentes e jovens.

No primeiro contato, foi enviado um pré-teste para saber a percepção de alguns Educadores Sociais sobre sua atuação na escola. No total doze Educadores Sociais responderam as seguintes perguntas: *you consider yourself a teacher? For what?; you consider yourself a Social Educator?; in your opinion what would be the difference between Social Educator and Professor?; the participants/students who frequent your activity call you professor? In your perception day by day in school you believe that the regular teachers see you as?*

Quanto a atuação, os Educadores Sociais estão nas áreas de esporte e lazer (1), acompanhamento pedagógico (3), cultura e arte (4), informática (2), educação ambiental (2).

Todos responderam que se consideram um trabalhador docente e cada um apresentou uma justificativa:

- *Por ter sido aluno, e ainda ser, tenho o intuito de ensinar tudo que sei de forma interativa;*
- *Porque desenvolvo minhas atividades de forma sequencial, de acordo com os níveis de aprendizagem de cada participante da oficina, com alegria e brincadeira;*

- *Porque estou quase me formando em Letras, e essa formação me dá recursos para desenvolver minhas atividades da melhor maneira possível;*
- *Estou fazendo pedagogia, e tenho conhecimentos de metodologia, estou aprendendo com os alunos a ensiná-los de maneira prazerosa;*
- *Estou terminando o curso de Serviço Social, e apesar de não ter disciplinas voltadas para o campo do ensino/aprendizagem, eu sou mãe, e é dela que extraio os limites, as partilhas, sou alegre, e essa minha característica me aproxima das crianças;*
- *Sou professora aposentada, e amo dar aulas, hoje neste programa tenho mais liberdade e flexibilidade para desenvolver o letramento de maneira agradável aos participantes das oficinas;*
- *Sou uma mulher que já criou os filhos, duas filhas são professoras, e eu tenho muitas habilidades manuais, foi assim que comecei a me envolver com o PME, o que me estimulou a entrar na faculdade de Belas Artes, portanto juntando estas habilidades percebo que minha oficina é agradável aos alunos, e sinto que tenho domínio das turmas que são numerosas;*
- *Eu tenho o curso normal, e hoje estou fazendo pedagogia, já substituí professoras de ensino fundamental antes, e quando comecei o PME, passei a ser Monitora, utilizo muitos recursos da experiência como professora, mas aprendi muito neste programa, a dar um formato mais lúdico as atividades, se elas não agradam os alunos não permanecem no programa, isso nos leva a refletir sobre maneiras mais interessantes de ensinar, hoje se vou substituir, minhas aulas melhoraram, sou muito requisitada;*
- *Curso Matemática, e gosto de ser educador, minha aptidão me dá muita alegria em poder desenvolver minhas atividades de maneira lúdica e prazerosa, minha formação me confere metodologia para ter domínio das*

turmas no programa;

Todos tem um sentimento de Educador Social, de contribuir de certa forma com a educação e o social. Dos doze, apenas um afirmou que não se considera um trabalhador docente e justificou dizendo que o motivo é não ter a formação adequada.

Quando perguntado qual seria a diferença entre Educador Social e Professor, aparecem vários aspectos, porém a maioria aponta que o papel do Educador Social vai além da sala de aula, além dos conteúdos curriculares:

- *Professor: a maioria destes procura desenvolver atividades dentro do currículo escolar; Educador Social: procura desenvolver atividades que despertem a consciência social dos indivíduos, oferecendo-lhes amizade, partilha etc;*
- *O Educador Social ensina a pessoa a viver a cidadania. Já o Professor a maioria apenas mostra como fazer;*
- *Educador Social é o que ensina na mesma linguagem dos alunos, ele é amigo, mostra a vida, e vive junto com eles, é exemplo na comunidade;*
- *O Professor prepara o aluno para as provas dentro da sua área de conhecimento. O Educador Social prepara o aluno para vida;*
- *Educador Social tem mais abrangência nas suas interações com os/as alunos/as;*
- *Eusounegra, quilombola, morona comunidade, é assim que ensino os participantes da oficina a se verem com orgulho e terem atitudes de cidadania, essa é a diferença entre Professor e Educador Social;*
- *A minha alegria e prazer em fazer parte do programa me leva a criar vínculos com as crianças, moro na comunidade, então essa relação se estende para além dos muros da escola, sei das suas histórias, das suas famílias, é nessa perspectiva que desenvolvo meu trabalho de Educadora Social, e não uma simples Professora;*
- *Sou mais Professora, gosto de ensinar, preparo minhas aulas; mas sei que sou também Educadora Social, pois as questões que surgem durante as oficinas necessitam de atitudes diferenciadas, um Professor em geral não se envolveria, mas no programa precisamos aprender a nos importar com o outro; Mostrar a cada um o valor que ele tem;*
- *Eu tenho uma maneira alegre de ensinar, com musicalidade, com dança, e as crianças em geral gostam das minhas oficinas, é neste contexto que me torno Educadora Social, que se diferencia de ser uma professora, pois os valores que passamos nas atividades desenvolvidas entram no campo social;*
- *O Educador Social é mais que um Professor ele faz vínculos e trata com valores, o Professor pode se ater apenas aos conteúdos curriculares;*
- *O Professor trata dos seus conteúdos e as vezes para alguns isto basta, um Educador Social é muito mais engajado nas questões de cada participante das oficinas, esta é a diferença.*
- *Ser educador é trabalhar o desconhecido que mora dentro de cada criança, de modo que se torne claro aos seus olhos, para que assim se possa crescer. E ver a sua maravilhosa contribuição numa sociedade consciente e melhor. "Professor está na hora de perceber dentro de si o que é ser verdadeiramente educador".*
- *O professor tem a função de transmitir o seu conhecimento, enquanto o educador é comprometido com a formação integral do aluno e com a sua interação com a família e a sociedade. O professor sai de casa para mais um dia de aula, enquanto o educador busca formas para promover a transformação do seu aluno. O professor vê no erro do aluno apenas um erro enquanto o educador o vê como fase de transição no processo de aprendizagem.*

Perguntado se os participantes/alunos das atividades chamam o Educador Social de Professor, as respostas foram: sim (4); não (0); outro (8, tio/tia ou pelo nome). Interessante destacar que muitos alunos chamam o Educador Social pelo nome, o que podemos sugerir que o aluno já conhece esse profissional na comunidade.

Na última questão, a maioria dos Educadores Sociais respondeu que os Professores veem o trabalho deles como mero apoio dos professores ou um simples estagiário. Três responderam que sua presença na escola incomoda os professores:

- *Considero que me veem como apoio porque consigo atingir meus objetivos nas oficinas que ministro; e incomodo por eu ser querida pelos alunos e ao transitar na escola, os alunos me abraçam e por vezes saem das atividades dos Professores.*

Os relatos apontam a necessidade de pensarmos em novos modelos de educação que complemente a sala de aula.

REFERÊNCIAS

CALIMAN, Geraldo. A Pedagogia Social na Itália. In: SILVA, R. da; SOUZA NETO, J. C. de; MOURA, R. A. de. (orgs.). **Pedagogia Social**. São Paulo: Expressão e Arte Editora, 2009.

CAMORS, Jorge. A pedagogia social na América Latina. In: SILVA, R. da; SOUZA NETO, J. C. de; MOURA, R. A. de. (orgs.). **Pedagogia Social**. São Paulo: Expressão e Arte Editora, 2009.

FICHTNER, Bernd. Pedagogia Social e Trabalho Social na Alemanha. In: SILVA, R. da; SOUZA NETO, J. C. de; MOURA, R. A. de. (orgs.). **Pedagogia Social**. São Paulo: Expressão e Arte Editora, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 8ª ed. Rio de Janeiro. Paz e Terra. 1980.

GRACIANI, Maria.S. S. A pedagogia social no trabalho com crianças e adolescentes em situação de rua. In: SILVA, R. da; SOUZA NETO, J. C. de; MOURA, R. A. de. (orgs.). **Pedagogia Social**. São Paulo: Expressão e Arte Editora, 2009.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**. 7. ed. São Paulo: Loyola, 1998.

MEC/FNDE/UNESCO. **Programa Escola Aberta**: proposta pedagógica. Brasília, 2007.

MEC/SEB. **Caminhos para elaborar uma proposta de educação integral em jornada ampliada**. Brasília, 2011.

OLIVEIRA, Dalila. A, DUARTE, Marisa R.T. (Orgs.). **Política e trabalho na escola**: administração dos sistemas públicos de educação básica. 2. ed. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2001.

OTTO, Hans-Uwe. Origens da Pedagogia Social. In: SILVA, R. da; SOUZA NETO, J. C. de; MOURA, R. A. de. (orgs.). **Pedagogia Social**. São Paulo: Expressão e Arte Editora, 2009.

TARDIF, Maurice. **O trabalho docente**: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

WANDERLEY, Luiz Eduardo W. **Educação popular**: metamorfoses e veredas. São Paulo: Cortez, 2010.

_____. A questão social no contexto da globalização: o caso latino-americano e o caribenho. In: Belfiore-Wanderley, M. Bógus, L., Yazbek, M.C. (Orgs.). **Desigualdade e a questão social**. 3.ed. , São Paulo: EDUC, 2010.